ISSN: 2358-8829

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E DESAFIOS DE GÊNERO: TRAJETÓRIAS

Priscila Matos Assis [1]
Maria Josemeire Evangelista Lima [2]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a narrativa autobiográfica como relato da trajetória escolar e formativa de uma mulher do meio rural, suas memórias, trajetória de vida e sonhos. A pesquisa mobiliza a autobiografia para refletir sobre experiências pessoais relacionadas a questões sociais contemporâneas, com relatos e vivências de uma estudante do gênero feminino. Este estudo fundamenta-se em autores que discutem as narrativas autobiográficas, memórias e trajetórias. Refletem as violências as quais mulheres são acometidas, os preconceitos enfrentados no passado e no presente e os impactos destas na formação acadêmica.

De acordo com que expõe Andressa Karoline de Castro Gomes (2024), por meio da autobiografia somos levados a refletir sobre nossa própria identidade e história, compartilhando momentos únicos em nossas vidas. Amanda Oliveira Rabelo (2011) aborda e ressalta a narrativa como um caminho que facilita entender as situações adversas, conflitos e incertezas que fazem parte da trajetória da vida. A partir das experiências vividas e narradas, emergem as seguintes questões norteadoras: quais condicionantes históricos e socioculturais percorrem a trajetória escolar e/ou acadêmica do gênero feminino e a maneira com que as experiências apresentadas se tornam conhecimento pedagógico e social pertinente?

Diante desse questionamento, nosso objetivo é analisar, por meio da narrativa autobiográfica, como condicionantes históricos, sociais, culturais e de gênero atravessam a trajetória escolar e formativa de uma mulher oriunda do meio rural, contribuindo para a constituição de saberes pedagógicos e para a formação docente. Especificamente este trabalho busca:

1. Refletir sobre a trajetória escolar e formativa vivenciada no contexto rural;

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - CE,priscila.assia@aluno.uece.br
[2] Professora orientadora: Mestra, Universidade Estadual do Ceará - CE, josemeire.lima@uece.br.

ISSN: 2358-8829

2. Identificar e analisar os desafios históricos, sociais e de gênero presentes nessa trajetória;

3. Compreender as contribuições da narrativa autobiográfica para a constituição de saberes pedagógicos e para a formação docente.

A relevância deste estudo justifica-se pelas memórias e vivências em contextos familiares e escolares que compõem nossa trajetória. Observadas na escrita autobiográfica, tais vivências revelam condicionantes históricos e socioculturais, permitindo enxergar além do mundo que nos rodeia. Compreendida como narrativa de fatos que guiam caminhos, retomam ideias e solucionam conflitos, esta pesquisa contribui para estudos futuros e enaltece contribuições para o meio educacional. Visa expor as desigualdades enfrentadas pelas mulheres, as questões sociais da cultura local e familiar e a vulnerabilidade de gênero, abrindo caminhos para novas discussões nos meios populares.

A discussão parte da análise das experiências narradas, iniciando pelo primeiro contato com a escola. Essas experiências, no ambiente familiar ou escolar, remetem à necessidade da autobiografia na formação docente. A autobiografia possibilitou desenvolver empatia e resolver situações semelhantes e conflituosas no futuro. A pesquisa caracteriza-se como narrativa autobiográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em teorias sobre narrativas, sua relevância e a busca por lembranças e seus valores. Confere-se dimensão aos espaços educacionais, à influência e às noções existentes. Junto aos autores, abordo a diferença de gênero, tema que apresenta persistentes discriminações, preconceitos e violências. Pauto situações identificadas na trajetória de muitas mulheres. Através do conhecimento e das análises dos pensadores que trago, surgiram reflexões singulares diante de vivências passadas.

Ao final do estudo, retomam-se as reflexões construídas a partir da narrativa autobiográfica, valorizando os acontecimentos da trajetória, a força da mulher, que não poderia passar despercebida, e a possibilidade de ir além das porteiras. Reconhecem-se frustrações que limitaram os meios de expressão e apresentação, vivenciadas no campo, onde persistem concepções arcaicas, obsoletas e tradicionais.

ISSN: 2358-8829

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa insere-se no campo dos estudos de narrativas, adotando uma abordagem qualitativa, de natureza autobiográfica. Essa opção considera que as experiências da autora constituem fontes legítimas de produção de conhecimento, especialmente no campo da educação, possibilitando a análise crítica e teórica dos relatos de uma mulher do meio rural, articulando trajetória, espaços educacionais, violências, preconceitos culturais relacionados à condição feminina e vivências escolares. Conforme discutem Saffioti, Heleieth I. B. (2001) e Feclesc, Nathalia Bezerra (2010), as narrativas permitem interpretar os sentidos atribuídos às experiências vividas ao longo do percurso formativo.

Como procedimento central de produção dos dados, utilizou-se a autobiografia, construída a partir da rememoração de experiências relacionadas à vida estudantil, à luta de ser mulher e às desigualdades vivenciadas. A narrativa foi organizada em torno de momentos significativos da trajetória, como a educação básica, o ensino médio e o ingresso na universidade, permitindo refletir sobre os desafios, as aprendizagens e os significados dessas vivências.

O processo de escrita envolveu contextualização, análise e leituras teóricas sobre narrativas, autobiografia e espaços escolares. Também foram realizadas buscas de dados e leituras para fundamentar a análise, mobilizando autores como Andressa Karoline de Castro Gomes (2024), Santos, Héllen Thaís, e Garms, Gilza Maria Zauhy (2014). Essas contribuições auxiliaram na organização das memórias e na interpretação crítica das experiências, articulando a vivência individual às discussões acadêmicas e aos contextos sociais mais amplos.

A análise ocorreu pela leitura dos relatos escritos, buscando identificar questões sociais, educacionais e profissionais que se destacaram na trajetória. Esses elementos foram interpretados à luz do referencial teórico, de modo a compreender como as experiências vividas constituem interpretações relevantes para a formação docente. Por se tratar de uma pesquisa autobiográfica, os cuidados éticos estiveram presentes durante todo o processo, especialmente quanto às informações dos relatos, aos fatos específicos de um indivíduo e à compreensão da escrita como ato de pertencimento e retomada.

ISSN: 2358-8829

TRAÇOS DA MEMÓRIA

Histórias e biografias sempre despertaram meu interesse. A partir deste ponto, escrevo em primeira pessoa, apresentando fragmentos da trajetória e dos acontecimentos que construíram minha história. Cursei o ensino fundamental em duas instituições: uma escola na zona rural, em área de assentamento, e outra municipal, na zona urbana. No ensino médio, estudei em uma instituição profissionalizante, onde concluí o curso técnico em Agroindústria. Atualmente, curso Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC). Sou natural de Nova Russas e resido no Assentamento Vitória, município de Ararendá-CE.

Este trabalho narra fatos reais e momentos decisivos para minha formação pessoal e profissional. Busco demonstrar como vivências contribuíram para meu desenvolvimento, pertencimento e busca por identidade. Destaco o apreço pela leitura de biografias, a curiosidade sobre os desafios enfrentados por seus autores e as lições de suas trajetórias. Na infância e pré-adolescência, desejava ter um diário para guardar lembranças e revisitá-las no futuro. Em muitas famílias numerosas, religiosas e historicamente ligadas ao campo, o machismo se manifesta de forma explícita. Aprender a lidar com julgamentos e concepções de familiares afetou meu emocional e, por vezes, minha concentração, meu desenvolvimento e o cumprimento de metas pessoais. A vulnerabilidade de gênero, a percepção de fragilidade física, os horários e o cansaço físico e mental acompanharam meus trajetos de ida e volta para casa. Conhecer histórias de mulheres vítimas de violência exigia atenção e estratégias para me manter segura.

Os desafios estiveram presentes em todas as etapas da vida estudantil. Precisei lidar com mudanças de convivência e de espaços e com sentimentos cotidianos. A reprovação, inicialmente justificada pelo desejo de acompanhar minha prima, foi vista como algo pouco relevante, mas também contribuiu para meu desenvolvimento, oferecendo companhia, cuidado, proteção e aprendizagem para enfrentar situações diversas. Seu aspecto negativo foi o tempo demandado. Constrangimentos relacionados à maneira de falar marcaram minha expressão e me levaram ao silêncio em alguns assuntos, algo que persiste. Por anos, o medo e a insegurança de errar foram meus maiores obstáculos.

ISSN: 2358-8829

A mudança de escola e de contexto ampliou meu isolamento, por receio de constrangimentos e descrença em meu potencial. No ensino médio, talvez pela maturidade e pelas oportunidades, recuperei a confiança. Quando duvidaram de minha capacidade de aprovação no vestibular, mantive o foco; o resultado positivo e o apoio de pessoas que me incentivaram fortaleceram minha confiança.

A distinção entre gêneros marcou minha criação: deveria ter cuidado com os meninos, com quem convivia raramente e sob supervisão adulta. No ambiente familiar, os lugares de meninas e meninos eram diferenciados pela influência de um patriarca machista. Todas as vivências são significativas, assim como ouvir histórias de outras pessoas. Sempre gostei de escutar pessoas longevas e experientes. Na infância, eu, minhas irmãs e primas brincávamos em uma mata próxima de casa, onde predominavam os marmeleiros, chamados na região de "mameleiros"; por isso, nomeamos nossa casa imaginária de "Os Mameleiros". Às vezes, recebíamos broncas por passar muito tempo ali. As árvores delimitavam paredes, troncos de árvores derrubadas, pedras e folhas viravam móveis, e assumíamos profissões como estudantes, professoras, médicas, arquitetas, cantoras e dançarinas. Inspiradas por histórias, novelas e cenas que víamos e ouvíamos, imaginávamos garotas independentes, morando sozinhas e exercendo atividades que as realizavam.

As narrativas ajudam a compreender ações da vida e revelam questões antes desconhecidas. Durante minha vida estudantil, não busquei a profissão desejada por causa das baixas condições financeiras; meus sonhos se realizavam parcialmente nas brincadeiras. A profissão dos sonhos não era um objetivo, pois acreditava que não a alcançaria. A cultura familiar limitava minhas aspirações ao que os mais velhos permitissem, e, por viver em uma localidade sem acesso a estudos além do ensino fundamental, minhas possibilidades de formação eram restritas.

Essas experiências da infância remetem à subjetividade. Mesmo que os sonhos parecessem pouco importantes ou não fossem levados a sério, eles se realizavam nas brincadeiras. Conforme Andressa Karoline de Castro Gomes (2024, p. 6), fatos vividos, sobretudo na infância, levam muitas pessoas a elaborar suposições sobre si mesmas. Essas suposições podem constranger e fazer com que evitem expor excessivamente ações, reações e sentimentos. Com o tempo, outras profissões passaram pela minha imaginação, mas continuavam distantes pelas condições financeiras e pelo acesso. No

ensino médio, não tinha uma profissão idealizada. Buscar informações era difícil porque me sentia constrangida com as respostas e receava os "achismos" das pessoas a meu respeito.

O tempo passava enquanto eu "bolavanote" — termo utilizado para representar algo ou alguém sem importância ou perspectiva, que passa por diversas mãos ou lugares —, sem compreender o sentido de família, sem perspectiva ou apoio, mas com muita vontade de me tornar alguém (Andressa Karoline de Castro Gomes, 2024, p. 6). Apesar das mudanças, nunca deixei de estudar e concluí todas as séries sem repetir nenhuma. Acreditava que, se estudasse e fosse muito inteligente, alguém me aceitaria. A escola sempre me fez sentir bem, o que reforça meu desejo de permanecer nela, hoje como docente e como pessoa.

Trajetórias e Vivências: Um Olhar sobre a Violência de Gênero contra a Mulher

Descrever a própria história é o ponto de partida da autobiografia. Segundo Andressa Karoline de Castro Gomes (2024), ela apresenta o testemunho da vida de um indivíduo, contribuindo para preservar sua história e compreender experiências humanas. Escrever, narrar e refletir sobre a trajetória permite pensar épocas, culturas e contextos sociais. A autobiografia dá visibilidade à história pessoal e permite revisitar memórias e desafios para ressignificá-los, compreender o presente e pensar o futuro. Santos, Héllen Thaís, e Garms, Gilza Maria Zauhy (2014) distinguem dois tipos de materiais no método autobiográfico: os primários, narrativas obtidas em entrevistas conduzidas por um repórter, e os secundários, materiais registrados.

A biografia narrativa busca promover reflexão sobre o caminho percorrido e compreender a própria formação, reconhecendo que cada etapa também inaugura outra. As narrativas autobiográficas ajudam a compreender experiências humanas e sua influência nas ações profissionais. Têm dimensão educativa e cultural, estimulam a reflexão e favorecem a aprendizagem de quem narra e escuta, permitindo associações e identificações. Assim como Andressa Karoline de Castro Gomes (2024), reconheço a importância da escrita autobiográfica, que reúne informações sobre a vida e a trajetória. Ao escrever, retomamos pensamentos e acontecimentos decisivos para compreender o presente. Leituras de biografias de autores e histórias de suas obras despertam meu interesse. Encontro nelas exemplos e ensinamentos. Como afirma Andressa Karoline de

ISSN: 2358-8829

Castro Gomes (2024, p. 3), a autobiografia e a experiência de vida podem inspirar e encorajar leitores, mostrando que é possível superar adversidades, fortalecer a confiança e buscar crescimento pessoal.

Sobre gênero, Saffioti (Heleieth I. B., 2001) aborda formas de violência associadas a categorias sociais, incluindo agressões físicas, sexuais e emocionais, geralmente cometidas por homens. A violência de gênero pode atingir mulheres, crianças e adolescentes de qualquer sexo. Um dos comportamentos observados nas relações familiares é o recurso à violência quando alguns membros julgam necessário. Em certos casos, mulheres assumem a liderança da família, mas isso não as torna imunes às agressões de seus parceiros em relações amorosas e afetivas. Socialmente denominado "chefe da família", o homem pode buscar controlar as ações dos demais. A dominação-exploração articula duas dimensões: dominar e explorar uma categoria social. Independentemente do gênero, cada indivíduo deve poder decidir os caminhos de suas experiências. Em situações de violência, a figura feminina pode ser colocada no papel de passividade ou cumplicidade, levando a vítima a acreditar que é culpada pelas agressões e inibindo sua reação. A violência contra a mulher compreende atos que violam a integridade feminina e constitui crime, com diferentes formas conforme as circunstâncias.

Frequentemente, a violência de gênero é praticada por homens contra mulheres, sobretudo em contextos que preservam costumes antigos. Em certos períodos, tais práticas eram consideradas meios "fundamentais" e "eficientes" de manter a moral masculina e familiar. Como afirma Saffioti, "o exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio" (2001, p. 115).

Narrativas e autobiografias

Pinho, Ana Sueli Teixeira de, e Souza, Elizeu Clementino de (2015) comparam as narrativas a fios que se unem, articulando diferentes temporalidades e pontos de vista que contribuem para o conhecimento de uma pessoa. O tempo social e o escolar podem divergir e afetar a compreensão do outro. A escola, como espaço de aprendizagem, também participa da formação moral e dos sentimentos. Há ainda o tempo que não se

ISSN: 2358-8829

limita a um padrão específico, como nas diferentes habilidades para concluir atividades, e a percepção de simultaneidade, que considera o tempo e os limites de cada pessoa. Morais (2025), compreende as narrativas e autobiografias como processos reflexivos importantes para a formação, pois ajudam a pensar e reviver experiências. Seu estudo destaca as potencialidades das vivências e os conhecimentos construídos ao longo da trajetória.

Pesquisar narrativas mobiliza lembranças, sentimentos e significados construídos ao longo da vida. A autobiografia permite reencontrar-se e ressignificar experiências passadas, projetando possibilidades para o futuro. Na educação, as narrativas contribuem para a formação, especialmente a docente. Entre seus elementos estão o tempo de narrar, a análise das experiências e o reconhecimento de contribuições para o conhecimento, a aprendizagem e a formação. Para muitas pessoas, a escola é lugar de aprendizagem, embora os resultados não dependam apenas do esforço individual. No passado, era associada ao ensino da leitura, escrita, operações matemáticas e história nacional. Posteriormente, também se incorporou o ensino religioso, em um contexto em que predominava uma única doutrina entre a população atendida.

Há mais de 40 anos, aulas eram ministradas em residências, e famílias contratavam professoras que nem sempre tinham formação específica, mas possuíam conhecimentos básicos e eram reconhecidas pelos pais por sua capacidade de ensinar. Essa negociação atendia, muitas vezes, famílias numerosas. As crianças, por sua vez, eram impedidas de sair sem companhia, inclusive para ir à escola ou a outros lugares. Em muitas famílias, esperava-se que trabalhassem na roça e ajudassem nos serviços domésticos, assumindo responsabilidades adultas ainda na infância e adolescência.

Conhecer períodos em que a aprendizagem ocorria nas casas de pessoas que pagavam professoras permite compreender outras experiências escolares, como explicam Pinho e Souza:

> "[...] determinado tempo social, a exemplo do tempo escolar, pressupõe o reconhecimento e a consideração da dinâmica de outros tempos sociais, observando as características de cada um desses tempos e os modos como se dão as relações entre eles na vida cotidiana" (Pinho, Ana Sueli Teixeira de; Souza, Elizeu Clementino de, 2015, p. 667).

Com os anos, as instituições escolares se transformaram, os sistemas se ampliaram e os projetos buscaram maior integração. A ampliação da carga horária, das

ISSN: 2358-8829

disciplinas, das atividades e dos programas procurou favorecer a socialização, formar indivíduos críticos e ampliar oportunidades educacionais e de qualidade de vida. Com a modernização, alguns parâmetros antigos foram superados e mais estudantes passaram a avançar na escolarização. Programas e sistemas foram criados para incentivar os alunos a alcançar metas e reconhecer resultados.

Em minha trajetória, esse processo se relaciona ao primeiro contato, em 2010, com o SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará), que avaliava conhecimentos e habilidades dos estudantes e produzia dados para apoiar a elaboração e o desenvolvimento de políticas públicas educacionais. No ensino médio, o Enem era importante. Nos dois primeiros anos, a participação permitia adquirir experiência, preparar-se emocionalmente e conhecer a prova. Esperava-se que isso contribuísse para um bom resultado no último ano e para o ingresso na universidade. Em alguns casos, estudantes com boas pontuações já nos primeiros anos podiam, junto às famílias e considerando a idade, avaliar a possibilidade de ingressar no ensino superior. As premiações, colocações e rankings escolares podiam causar desconforto aos alunos que não alcançavam bons resultados por razões ainda não compreendidas. Para alguns, isso afetava o ego, a capacidade percebida e a autoestima; para outros, incentivava a permanência, a conclusão dos estudos e a busca por uma vaga na universidade, um diploma e melhores oportunidades profissionais.

Apesar dos aspectos positivos e negativos, essas iniciativas buscavam melhorar o rendimento e os indicadores educacionais, prevenir a evasão, incentivar a permanência e a conclusão dos estudos e ampliar possibilidades de carreira. A socialização e o bem comum são objetivos importantes.

EXPECTATIVAS E CONSTRUÇÃO DE IDEIAS EM TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam, de forma conclusiva, que as narrativas autobiográficas constituem um importante instrumento para a compreensão da trajetória escolar e formativa do gênero feminino, especialmente quando situadas em contextos marcados por desigualdades sociais, econômicas, culturais e territoriais. Ao resgatar memórias, experiências e vivências, foi possível reconhecer que o exercício narrativo promove não apenas o autoconhecimento e o

ISSN: 2358-8829

sentimento de pertencimento, mas também a reconstrução de sentidos sobre a própria história, contribuindo para o rompimento de dogmas e silenciamentos historicamente impostos às mulheres, reafirmando, assim, a tese central defendida ao longo da pesquisa. Desse modo, a escrita autobiográfica mostrou-se como um processo de tomada de consciência, no qual a experiência individual se articula a dimensões coletivas e sociais, permitindo compreender que a história pessoal também é atravessada por estruturas mais amplas.

Os achados da investigação indicam que as travas históricas, sociais e culturais se manifestam de forma recorrente ao longo da trajetória educacional, sobretudo nas intersecções entre gênero, condição socioeconômica e contexto rural. No entanto, conforme demonstrado ao longo do trabalho, tais obstáculos não se configuram apenas como limites, mas também como elementos formativos que, quando refletidos criticamente, transformam-se em conhecimento pedagógico e social relevante. Nesse sentido, a valorização das experiências vividas mostrou-se fundamental para compreender as escolhas realizadas, os caminhos percorridos e as realizações alcançadas, respondendo à problemática que orientou este estudo. A pesquisa possibilitou, assim, compreender que as dificuldades enfrentadas ao longo do percurso educacional não são fruto de incapacidades individuais, mas resultado de condições históricas e sociais que precisam ser problematizadas no campo da educação.

Destaca-se, ainda, o papel central da família — em especial da figura materna — como elemento de incentivo à permanência nos estudos, reforçando a educação como um patrimônio simbólico inalienável. Essa dimensão revelou-se decisiva na superação das dificuldades enfrentadas e na construção de projetos de vida que rompem com trajetórias tradicionalmente naturalizadas para as mulheres do meio rural, aspecto reiterado ao longo da análise. Com isso, foi possível agregar à pesquisa a compreensão de que o apoio familiar, mesmo em contextos de limitações materiais, exerce influência significativa na constituição da autonomia, da autoestima e da continuidade dos estudos, especialmente para mulheres.

No campo da formação docente, evidenciou-se que a constituição da identidade profissional está profundamente vinculada às experiências escolares, às mudanças imprevistas, aos enfrentamentos de medos e inseguranças, bem como à descoberta de habilidades desenvolvidas ao longo do percurso formativo. O contato com diferentes

histórias, contextos e realidades amplia a escuta, o diálogo e a reflexão crítica, essenciais a uma prática pedagógica comprometida com a compreensão do outro e a transformação social. Dessa forma, foi possível aprender que a formação docente não se limita aos conteúdos acadêmicos, mas se constrói a partir da articulação entre saberes da experiência, memórias escolares e reflexão crítica sobre a prática.

Assim, ao analisar a própria trajetória como mulher, estudante e futura professora, este trabalho reafirma a potência das narrativas autobiográficas como estratégia formativa e investigativa, fechando o ciclo proposto desde os objetivos iniciais. O registro das memórias e vivências possibilitou reconhecer a força construída diante das adversidades, bem como a capacidade de ressignificar experiências, projetar novos horizontes e afirmar que as mulheres podem ocupar os espaços que desejarem. A pesquisa também destacou a escuta sensível, o respeito às singularidades e a valorização das histórias de vida como fundamentos de uma educação mais humana e inclusiva.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre gênero, educação e formação docente, incentivando outras mulheres a refletirem sobre suas histórias e a reconhecê-las como fontes legítimas de conhecimento, emancipação e transformação social. Ao evidenciar que as experiências vividas podem se tornar saberes pedagógicos e sociais, este trabalho reforça a necessidade de práticas educativas que considerem as trajetórias individuais como parte constitutiva dos processos formativos, abrindo possibilidades para novas investigações e reflexões no campo da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou compreender, por meio da narrativa autobiográfica, como os condicionantes históricos, sociais, culturais e de gênero atravessam a trajetória escolar e formativa de uma mulher do meio rural. A retomada das memórias evidenciou desafios relacionados às desigualdades sociais, à violência de gênero, ao machismo, às limitações econômicas e às dificuldades de acesso à educação, mas também revelou a importância da escola, do apoio familiar e da persistência na construção de novos projetos de vida. As experiências vividas, quando analisadas criticamente, deixaram de representar apenas lembranças individuais e passaram a constituir conhecimentos pedagógicos e sociais relevantes para a formação docente, favorecendo a reflexão, a empatia e a valorização das diferentes trajetórias. Assim, reafirma-se a autobiografia

como instrumento de autoconhecimento, pertencimento e ressignificação das experiências, bem como de reconhecimento das mulheres como sujeitos de suas próprias histórias e produtoras de conhecimento. Espera-se que este estudo contribua para as discussões sobre gênero, educação e formação docente, incentivando a valorização das narrativas e a construção de práticas educativas mais humanas, inclusivas e comprometidas com a transformação social.

Palavras-chave: Resumo expandido; Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte

REFERÊNCIAS

FECLESC, N. B. **Mulher e universidade**: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. In: BAHIA, M. P. do Estado da (Ed.). Conferência Internacional Os Sete Saberes. Bahia: [s.n.], 2010. Disponível em: http: //dspace:sistemas:mpba:mp:br/jspui/handle/123456789/806.

GOMES, A. K. de C. **História de vida e formação**: narrativa autobiográfica e reflexões sobre a reinvenção de si. Revista Conexão ComCiência, V. 1, n. n. 4, p. 01 – 15, Janeiro 2024. ISSN ISSN 2763-5848. Edição Especial - Práticas educativas na Educação Básica e no Ensino Superior. Disponível em: https://revistas:uece:br/index:php/conexaocomciencia/article/view/12044:

MORAIS, J. de S. **Tecer com afeto, sensibilidade e emoção**: a pesquisa narrativa autobiográfica em educação. Educação & Sociedade, FapUNIFESP (SciELO), v. 46, 2025. ISSN 1678-4626. Disponível em: https: //doi:org/10:1590/es:285316.

PINHO, A. S. T. de; SOUZA, E. C. de. **O tempo escolar e o encontro com o outro**: do ritmo padrão às simultaneidades. Educação e Pesquisa, FapUNIFESP (SciELO), v. 41, n. 3, p. 663 – 678, Setembro 2015. ISSN 1517-9702. Disponível em: https://doi:org/10:1590/s1517-9702201507133096.

RABELO, A. O. **A importância da investigação narrativa na educação** Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Educ. Soc., Campinas, V. 32, n. n. 114, p. 171 – 188, Jan-Mar 2011. Disponível em: http://www:cedes:unicamp:br.

SAFFIOTI, H. I. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu, FapUNIFESP (SciELO), n. 16, p. 115 – 136, 2001. ISSN 0104-8333. Disponível em: https://doi:org/10:1590/s0104-83332001000100007.

SANTOS, H. T.; GARMS, G. M. Z. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas**: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. São Paulo: Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2014. Disponível em: http://www:unesp:br/portal#!/prograd/e-livros-prograd/.